

HEROÍSMO OU RISCO: VICISSITUDES DO CUIDADO AO OUTRO NA PRÁTICA PROFISSIONAL DE BOMBEIROS MILITARES GAÚCHOS¹

Cristiano Dal Forno; Mônica Medeiros Kother Macedo²

Resumo: O trabalho profissional ocupa lugar central na vida psíquica do sujeito (DEJOURS, 2012a). Algumas profissões dedicam-se ao ofício de cuidar. Os bombeiros compõem uma classe de profissionais cuidadores que, quando solicitada, tem na efetividade e no sucesso de sua ação a manutenção de vidas humanas que, de outro modo, possivelmente seriam perdidas. Em vista disso, o presente estudo objetivou compreender, a partir do relato de profissionais bombeiros, a vivência singular do exercício laboral de assistência e cuidado. Foram entrevistados três bombeiros militares, com experiência profissional de, pelo menos, cinco anos em função operacional. Os dados obtidos foram trabalhados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1977), na proposta de Moraes (1999). Para interpretação dos achados, valeu-se do referencial psicanalítico. Resultaram três categorias finais, que foram denominadas: *A permanente e incondicional disponibilidade ao outro como marca identitária; Os tensionamentos entre o protocolo e o cotidiano; e Retaguarda institucional ao sujeito que salva: nuances do reconhecimento externo e do amparo ao cuidador.* Impostou-se, deste estudo, que quem salva e quem cuida é o humano, visto que é o sujeito que realiza o trabalho, por meio de sua singularidade a superar inventivamente o real naquilo que não está prescrito.

Palavras-Chave: Trabalho, Psicanálise, Bombeiros, Cuidado.

Resumo expandido:

O trabalho profissional ocupa lugar central na vida psíquica do sujeito (DEJOURS, 2012a). A conquista da identidade, posta em ação pela dinâmica intersubjetiva de reconhecimento no trabalho, relaciona-se à realização pessoal no campo das relações sociais que a prática laboral oportuniza (DEJOURS, 2011; 2012b). O trabalho não está dado *a priori*, sendo sempre relativo ao sujeito que o realiza. Estará, desse modo, o trabalho sempre mediado pela subjetividade do trabalhador. Nessa acepção, trabalhar é preencher o hiato existente entre aquilo que está previsto e descrito na prescrição da tarefa e o que pode ser verdadeiramente efetivado (DEJOURS, 2012a). O trabalho será sempre relativo àquilo que o sujeito deve acrescentar de si mesmo ao que não funciona das prescrições (DEJOURS, 2012a). Posto está, portanto, que, para compreender o trabalho, deve-se considerar a subjetividade de quem o realiza.

Algumas profissões dedicam-se ao ofício de cuidar. Para essas, o protocolo que prescreve os passos a serem dados costuma estar presente como ferramenta operatória. Todavia, tal prescrição não representa garantia de resolução a todas as situações impostas pela realidade. Quando o protocolo falha, o sujeito se vê exposto, sendo-lhe demandada a resolutiva da situação, por meio de suas condições subjetivas, estas sempre singulares. O exercício do cuidado pressupõe, na maioria vezes, um investimento direcionado à necessidade e à demanda do outro. Os bombeiros compõem uma classe de profissionais cuidadores que, quando solicitada, tem na efetividade e no sucesso de sua ação a manutenção de vidas

¹ Este estudo integra dissertação de mestrado intitulada “Especificidades da experiência profissional de bombeiros”, defendida no PPGP/PUCRS, com fomento do CNPq.

² Grupo de Pesquisa Fundamentos e Intervenções em Psicanálise do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGP/PUCRS).
Contatos: cristiano_d_forno@hotmail.com; monicakm@puers.br

humanas que, de outro modo, possivelmente seriam perdidas. O profissional bombeiro expõe-se a intensa carga afetiva em seu trabalho, sobremaneira nas situações que envolvem vítimas, em que, muitas vezes, depara-se com a morte destas ou com fortes cenas (MONTEIRO et al., 2007). Tal exposição, devido às grandes intensidades excitatórias que mobiliza no psiquismo, pode, em alguns casos, deixar marcas no sujeito, incluindo as traumáticas.

No que se refere a concepções a respeito do traumático, tema de estudos (HOMISH, FRAZER; CAREY, 2012; MEYER et al., 2012) voltados a compreender o sofrimento de bombeiros em suas práticas profissionais, o fenômeno é assumido como consequência direta e imediata de um evento real, externo e intenso. De acordo com essas compreensões, para que um sujeito se traumatizasse, bastaria a simples exposição ao evento, não estando em jogo, necessariamente, qualquer caráter de particularidade subjetiva. Distintamente, para a Psicanálise, o traumático está vinculado às condições precárias, ou à ausência de recursos, de que cada sujeito dispõe para responder psiquicamente às intensidades experimentadas. O efeito traumático não é compreendido como produto direto do estímulo externo, mas, sim, como vinculado à relação existente entre o impacto sofrido e o afluxo de excitação desencadeada no interior do psiquismo de um sujeito particular (BLEICHMAR, 2010). Entende-se, portanto, que os elementos para compreender e dar conta do excesso que, efetivamente, constitui uma experiência traumática serão encontrados na singularidade, a saber, considerando os recursos intrapsíquicos do sujeito diante do experienciado (MORAES; MACEDO, 2011). Como profissionais que se dedicam ao cuidado do outro, os bombeiros também precisam, eventualmente, cuidar-se e serem cuidados. Todavia, as fragilidades não necessariamente surgirão nos momentos de tragédia, como comumente se poderia pensar. Cuidar do cuidador passa, primeiramente, por reconhecê-lo em sua singularidade existencial, podendo garantir-lhe uma escuta também singular, capaz de reconhecer que aquele sujeito de atos heroicos pode, a despeito de qualquer grande episódio, padecer.

A compreensão do modo com que o sujeito bombeiro tem experimentado sua prática de cuidado ao outro pauta-se na valorização da subjetividade daquele que salva e na premissa de que é escutando-o, em sua singularidade, que algo dele se poderá saber. Dessa maneira, objetivou-se compreender, a partir do relato de profissionais bombeiros, a vivência singular do exercício laboral de assistência e cuidado. Foram entrevistados três bombeiros militares, com experiência profissional de, pelo menos, cinco anos em função operacional. Os dados obtidos foram analisados por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (1977), na proposta de Moraes (1999). Para interpretação dos achados, valeu-se do referencial psicanalítico.

Da análise, resultaram três categorias finais, que foram denominadas: *A permanente e incondicional disponibilidade ao outro como marca identitária; Os tensionamentos entre o protocolo e o cotidiano; e Retaguarda institucional ao sujeito que salva: nuances do reconhecimento externo e do amparo ao cuidador*. Os bombeiros cotidianamente enfrentam o risco e, para tanto, valem-se do treinamento recebido e da técnica procedimental como forma de se protegerem tanto física quanto psiquicamente das muitas intensidades a que ficam expostos. Salvar e ajudar o outro, independentemente dos riscos implicados nisso, é uma característica utilizada pelos participantes do estudo para descrever a profissão, mas que acaba por ser assumida como elemento central a compor suas próprias identidades profissionais, tendo influências tanto na escolha quanto na manutenção destes na carreira. Para os participantes, é bombeiro quem salva. Trabalho e identidade, com isso, figuram-se indiscriminados. A permanente e incondicional disponibilidade ao outro, como uma característica do labor do bombeiro, é também assumida como marca identitária essencial pelos profissionais. Enfrentar riscos configura-se em exercício cotidiano e como exigência implicada no cumprimento da “missão”. Escutar esses profissionais é, antes de mais nada, capacitá-los ao *trabalho vivo*, é potencializar neles os recursos subjetivos para o enfrentamento dos fracassos impostos pela realidade. Na medida em que se opera uma retaguarda que

permita a fortificação subjetiva, por meio de *uma quantidade de energia posta em reserva*, mecanismos protetivos mais eficientes e menos estereotipados poderão operar. Assim, se, de um lado, o reconhecimento pela qualidade do trabalho realizado é assumida pelo sujeito como reconhecimento de si mesmo, com implicações identitárias diretas sobre ele; de outro, o reconhecimento do sofrimento por parte do sujeito, devido às fortes intensidades a que fica exposto, pode se reverter em fortalecimento psíquico para o enfrentamento do cotidiano laboral, sempre particular e imprevisível.

O estudo realizado possibilitou a aproximação a uma classe de trabalhadores que, cotidianamente, enfrenta o risco, valendo-se, para tanto, do treinamento recebido e da técnica procedimental como forma de se proteger tanto física quanto psiquicamente das muitas intensidades a que fica exposta. Entretanto, o protocolo não dá conta de alcançar todas as mazelas da realidade, sendo essencial que o sujeito protagonista do trabalho disponha de condições subjetivas para fazer frente à realidade, construindo soluções criativas e singulares, para além do prescrito. Imposta-se, portanto, que quem salva e quem cuida é o humano, visto que é o sujeito que realiza o trabalho, por meio de sua singularidade a superar inventivamente o real naquilo que não está prescrito.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1977.
- BLEICHMAR, Silvia. **Psicoanálisis extramuros : puesta a prueba frente a lo traumático**. Buenos Aires: Editorial Entreideas, 2010.
- DEJOURS, Christophe. (2011). Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In LANCMAN, S.; SZNELWAR, L. (Orgs.), **Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Brasília: Paralelo 15/ Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011. pp. 57-124
- DEJOURS, Christophe. **Trabalho Vivo – Tomo I - Sexualidade e trabalho**. Brasília: Paralelo 15, 2012a.
- DEJOURS, Christophe. **Trabalho Vivo – Tomo II - Trabalho e emancipação**. Brasília: Paralelo 15, 2012b.
- HOMISH, Gregory G.; FRAZER, Bonita S.; & CAREY, Mary G. The influence of indirect collective trauma on first responders' alcohol use. **Int J Emerg Ment Health**, v. 14, n.1, p. 21-28, 2012.
- MEYER Eric C.; ZIMERING, Rose; DALY, Erin; KNIGHT Jeffrey; KAMHOLZ, Barbara W.; GULLIVER, Suzy Bird. Predictors of posttraumatic stress disorder and other psychological symptoms in trauma-exposed firefighters. **Psychol Serv**, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2012.
- MONTEIRO, Janine. Kieling; MAUS, Daiane; MACHADO, Fabiane Rosa; PESENTI, Clarissa; BOTTEGA, Daniela; CARNIEL, Letícia Bassôa. Bombeiros: Um Olhar Sobre a Qualidade de Vida no Trabalho. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 27, n. 3, p. 554-565, 2007.
- MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Educação**, v. 37, n. 22, p. 7-32, 1999.
- MORAES, Eurema Gallo; MACEDO, Mônica Medeiros Kother. **Vivência de indiferença: do trauma ao ato-dor**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.